

Aspectos semânticos e pragmáticos da co-construção de identidades discursivas em narrativas de experiência de vida produzidas por participantes de emissões nocturnas de rádio

Carla Aurélia de Almeida

Departamento de Humanidades da Universidade Aberta

Abstract

Taking as reference an oral *corpus* consisting of verbal interactions presented in Portuguese radio phone-in programmes, we analyse the emergence of conversational narratives in interactive oral discourse, highlighting the semantic and pragmatic aspects to co-construct interactional meaning and referring the specific processes of definition of the discursive identities here in question.

Keywords: Interactional Pragmatics; Radio phone-in programmes; Discourse Strategies; Enunciative heterogeneity; Oral narratives

Palavras-chave: Pragmática Interaccional; Programas de conversas telefónicas na rádio; Estratégias Discursivas; Heterogeneidade enunciativa; Narrativas orais

1. Introdução

Tendo por base um *corpus* oral¹ constituído por interacções verbais presentes em cinco programas de rádio portugueses, realizados em período nocturno, teremos em conta as emissões que abordam temas genéricos do quotidiano e analisaremos o modo como os participantes constroem “identidades discursivas” ou “identidades situadas” (Antaki & Widdicombe, 1998) em narrativas de experiência de vida (Lacoste, 1986: 54).

É nosso objectivo a análise de segmentos discursivos que ocorrem no momento central da interacção, ou desenvolvimento, com a produção de “lugares comuns” (Plantin, 1993), característicos de uma “lógica quotidiana” (Dispaux, 1984), que presidem à compreensão mútua, procurando ainda relacionar práticas discursivas específicas com a indicação das variáveis sexo, idade e categoria sócio-profissional destes participantes.

O enquadramento teórico insere-se na perspectiva semântico-pragmática de análise dos fenómenos linguísticos que tem por base um conjunto de linhas de orientação teórica saídas dos modelos da Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, 1992;

Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011, pp. 35-48

¹ O corpus recolhido reúne participações de 479 “ouvintes” (Almeida, 2005). Os cinco programas em análise são os seguintes: Bancada Central (=BC) da TSF; Clube da Madrugada (=CM) da Antena 1; Boa Noite (=BN) da Rádio Renascença; Estação de Serviço (=ES) da Rádio Renascença e Tempo de Antena (=TA) da Antena 1. Retomamos neste texto aspectos analisados no capítulo 8 de Almeida (2005).

1998), da Análise Interaccional (Kerbrat-Orecchioni, 1998; Traverso, 1996; Heller, 2001) e da Sociolinguística Interaccional (Gumperz, 1989).

Através da interface entre teoria analítica e análise empírica, analisaremos as estratégias discursivas (Gumperz, 1989) desenvolvidas pelos participantes destes contextos, procurando verificar de que modo a verbalização da pertença a comunidades particulares, como as que se agrupam em função de parâmetros como o sexo, a idade e a profissão, constitui, por um lado, uma estratégia de credibilização do discurso e, por outro lado, permite o desenho do quadro enunciativo das narrativas de experiência de vida e analisaremos estas *práticas discursivas* que possibilitam a construção de “esquemas sociais” (Gibbs, 1985: 98) convencionais.

Teremos, assim, em consideração a análise de características semânticas e pragmáticas destas narrativas interactivas orais repletas de segmentos discursivos que denotam o “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989; Gumperz, 1989) dos interactantes: as digressões temáticas (André-Larochebouvry, 1984: 115), as repetições, as sobreposições da fala e as estratégias que demonstram a escuta atenta dos locutores de rádio, os comentários metadiscursivos, os segmentos relatados em discurso indirecto livre intercalados com segmentos relatados em discurso directo são alguns dos aspectos analisados nestas narrativas e que revelam a emoção dos participantes (Plantin *et al.*, 2000).

Verificaremos assim que, em programas de rádio constituídos por ouvintes que telefonam para a antena, se verifica a criação de um discurso vivido, testemunhal (Thornborrow, 2001a; 2001b), com práticas discursivas específicas das narrativas orais realizadas nestes contextos interlocutivos.

2. A irrupção de *narrativas de experiência de vida no discurso interactivo oral*

Na análise do funcionamento das narrativas orais – “histórias faladas” (Tannen, 1986: 323) – que ocorrem nestes programas, teremos em conta, a nível global, o modo como estas narrativas contribuem para a construção de uma “arquitetura de intersubjectividade” (Heritage, 1984) com base na relação entre as sequências de actos ilocutórios que constituem o texto oral narrativo e, a nível local, procederemos ao levantamento das estratégias discursivas que co-ocorrem no texto narrativo oral reveladoras do “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989) e do papel social e afectivo das “narrativas de experiência de vida” (Coupland & Jaworski, 2003) com a ocorrência de elementos de “transgressão” e de “intimidade” (*Idem*: 85), característicos das narrativas do chamado “small talk” (*Idem*: 87).

A irrupção destas narrativas no oral interaccional em contextos institucionais levanta questões relacionadas com as tipologias dos segmentos que ocorrem nas interacções.

Segundo Jean-Michel Adam (1985), “quase não existem discursos reais que não actualizam, ao mesmo tempo, vários tipos textuais (sequências narrativas, descritivas e

mais ou menos extensas e homogêneas) e actualizam, sobretudo, a ‘dominante’, para retomar a expressão de Jakobson” (*Idem*: 40; tradução nossa).

Também Kerbrat-Orecchioni refere que as narrativas surgem encaixadas nas conversações (Sacks, 1995; Goodwin, 1981) e assinala as características fluidas na construção de uma tipologia das interacções: esta autora refere que um dos eixos de caracterização dos tipos de interacção diz respeito à natureza da macroestrutura que pode ser argumentativa, descritiva ou narrativa e o problema reside no facto de uma estrutura – argumentativa, descritiva ou narrativa – dificilmente constituir a totalidade de uma interacção (*Idem* : 129).

Michèle Lacoste (1986) assinala que o estatuto semântico e enunciativo destes segmentos narrativos – “a narrativa oral quotidiana” (*Idem* : 50) – depende da argumentação em curso, partilhando o carácter de serem narrativas de experiência, onde o locutor está presente como sujeito ou testemunha nos acontecimentos narrados” (*Idem* : 52).

Ao analisar os segmentos narrativos que ocorrem em situação de entrevista, esta autora refere que estas narrativas (breves) ocorrem no oral e denotam o “envolvimento conversacional”; este último é revelado através de “(...) critérios discursivos formais: ‘tomadas de iniciativa’ e não estrita resposta a perguntas realizadas; variedade de temas abordados” (*Idem*).

3. Aspectos linguísticos que denotam o “envolvimento conversacional” presente nas narrativas de experiência de vida

Com efeito, apesar de as narrativas de experiência de vida que ocorrem em situação de entrevista serem diferentes das “histórias conversacionais” que se realizam noutros contextos interaccionais (Norrick, 2010: 2), há um consenso de que o discurso das narrativas de experiência de vida apresenta aspectos formais específicos: as repetições, os enunciados em simultâneo são estratégias de cooperação e/ou colaboração; fenómenos que denotam a construção conjunta (a co-construção) do texto conversacional e o “envolvimento conversacional” (Tannen, 2001).

Estes aspectos formais são característicos do oral que apresenta não só aspectos sintácticos do português falado como as repetições lexicais, as repetições de estruturas sintácticas e hesitações motivadas por fenómenos de auto-correcção (Bacelar do Nascimento et al., 1987), mas também aspectos semânticos e pragmáticos das interacções, estes últimos com “um enfoque teórico e metodológico distinto” dos primeiros (*Ibidem*).

3.1. As sequências de avaliação (*background*)

Neal R. Norrick (2010), na sua análise das narrativas conversacionais, refere que, não raro, antes e após um esquema geral (“general frame”), ocorrem indicações, comentários avaliativos que orientam os interlocutores para um mais claro enquadramento do que se está a narrar.

Atentemos no seguinte excerto que apresenta uma sequência de asserção-resumo que abre um esquema geral (um *frame*) seguido de indicações de *background* que constituem um comentário avaliativo do modo como o locutor/narrador perspectiva o mundo e os outros, preparando assim uma sequência narrativa:

Programa: BN

Data: Novembro de 1998

Tema: “A confiança”

Ouvinte Feminino; nº. 169.

Ouvinte - De manhã está-se acordada. Então vai falar de confiança, não é? (riso)

Locutora - Vamos falar de confiança.

→Ouvinte - Bem **eu sou daquelas pessoas que confio. Tenho uma... por doença, eu acho qu' é doença, confio demasiado nas pessoas, e então já já apanhei daquelas cacetadas assim fortes.**

Locutora - Já levou alguns baldes de água fria pela cabeça abaixo.

As asserções de valor genérico realizadas pela locutora de rádio não raro permitem aos ouvintes a produção de um acto de acordo seguido de uma justificação com o recurso a um relato de uma experiência vivida:

Programa: BN

Data: Novembro de 1998

Tema: “A confiança”

Ouvinte Feminino; nº. 169.

→Locutora - **Ao sentirmos que os outros confiam em nós também passamos se calhar a confiar um bocadinho mais neles.**

Ouvinte - É, eu acho que é isso. Eu pessoalmente (...) os meus filhos, não é, tenho o meu marido e assim, eu tou em casa às vezes a minha filha, tá naquela idade, com dezassete anos (risos).

Locutora - Faz parte.

Atentemos na seguinte sequência inserida de avaliação (de “background”, segundo Norrick, 2010: 34):

Programa: ES

Data: 20/11/01

Tema: Livre

Ouvinte nº. 411, feminino

Ouvinte - Pronto. Olhe eu sinto-me bem.

Locutor - Isso é, **isso no fundo, isso no fundo é que é importante, não é.**

Ouvinte - Isso é qu'ê preciso, sinto-me bem cá no meu... no meu lar...

Locutor - **No seu cantinho.**

Ouvinte - **no meu cantinho...**

Locutor - Hum, hum.

Esta sequência inserida que funciona como uma avaliação do que foi narrado sobre o lar da ouvinte e do modo como ela o organizou revela aspectos formais que denotam o envolvimento dos participantes no jogo interaccional, pois estamos perante aspectos discursivos reveladores da emoção na interacção que ocorre nestes programas nocturnos: as repetições, as sobreposições da fala (a sublinhado), as hesitações e os sinais vocais de “back-channel”, como “hum, hum” (que assinalam o acordo e permitem ceder a vez de elocução à ouvinte que telefonou para o programa de rádio) são alguns destes aspectos.

Por outro lado, a irrupção das sequências narrativas nas interacções verbais na rádio faz parte de uma estratégia geral de construção de uma identidade do ouvinte no discurso, uma imagem de si próprio, do *ethos* do sujeito da enunciação (Amossy, 1999: 9).

3.2. Heterogeneidade enunciativa: vozes justapostas no discurso oral narrativo

Michèle Lacoste (1986) assinala a heterogeneidade enunciativa como uma característica fundamental das “narrativas orais de experiência vivida”, exigindo uma análise local no contexto das relações interactivas e interlocutivas particulares (*Idem* : 51).

Esta integração do narrativo na interacção é assinalada de diferentes modos: transições do “vós” para o “eu”, do presente para o passado e, por exemplo, a ocorrência de uma locução adverbial “por outro lado” que, sem antecedente no discurso, só se pode interpretar em relação a uma situação passada lembrada no instante da narração (*Idem* : 57).

Trata-se de uma situação de heterogeneidade discursiva, onde o narrativo faz irrupção no não narrativo, ora com breves inserções, ora com segmentos mais longos que desenvolvem narrativas extensas.

Segundo Deborah Tannen (1989), o diálogo que ocorre na produção de narrativas para relatar experiências “é mais vivido devido à criação de vozes ou à imaginação de uma cena na qual os personagens falam nessas vozes (...)” (*Idem*: 26); os exemplos de histórias narradas caracterizam-se pela “tendência em direcção à concretização e à criação de imagens” (*Idem*) e esta irrupção no oral constitui uma estratégia que denota o envolvimento conversacional (*Idem*).

Atentemos nos seguintes exemplos:

Programa: BN

Tema: “Autodidactas”

Data: Novembro/1998

Ouvinte n.º. 160, feminino

Ouvinte - Eh **eu disse-lhe assim**, mas para que isto tem um certo tem um certo valor, **eu disse-lhe assim**: “ó Rui, olha lá, então mas o caçador está acolá tão longe e ele não vê o veado!” **E diz-me ele assim**: “ó tia olha que tu és esperta, então achas que se o veado se apercebesse que o caçador estava ali estava aqui tão sossegado a beber água? Claro que ele fugia!”

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “Correspondência”

Ouvinte Feminino; n.º. 433

Ouvinte - Sim. Agora como ouve mais ou menos telefona-se e e... e e então **olhe o meu filho às vezes até diz assim** mãe eh... bem me quer eh ele disse ele tem razão, tá farto de escrever, também digo não sou só eu, «a mãe não escreve e daqui a pouco já nem sabe escrever». (Riso) De maneira que...

Estes exemplos demonstram a irrupção de vozes de personagens diferentes no discurso narrado e o papel social e afectivo destas narrativas de experiência de vida, contadas em situação de interacção (cf. Coupland & Jaworski, 2003), pois criam uma solidariedade entre ouvinte e locutor de rádio, constituindo um discurso testemunhal, vivido que denota a pertença a um grupo etário e social específico: ouvinte de idade mais avançada, com filhos, do sexo feminino, não raro na reforma e que telefona para os programas de rádio nocturnos (no horário da 00h às 2h) para desenvolver temas da vida familiar e do quotidiano.

Com efeito, estas narrativas criam uma partilha de experiências vividas na relação interlocutiva, desencadeando um dispositivo conversacional específico destes contextos interaccionais orais:

Programa: BN

Data: 22/04/98

Tema: “Pequenos anúncios de jornal”

Ouvinte n.º. 181, feminino

Ouvinte - O senhor disse-me que era reformado, que...

[...]

Ouvinte - E... esse senhor disse: “ai eu gostava de a conhecer e tal”. Marcámos um encontro, no Centro, começámos a conversar, começámos a trocar telefonemas, e tal, e acabámos por casar.

A ouvinte nº. 181 prossegue a narrativa, realizando segmentos em discurso indirecto – “O senhor disse-me que era reformado, que...” – intercalados com segmentos em discurso directo – “E... esse senhor disse: ‘ai eu gostava de a conhecer e tal’”.

O uso de expressões de carácter genérico como “e tal” é, segundo Fernanda Bacelar do Nascimento (1987), “(...) um remate frequentemente usado na língua falada”(Idem: 119).

Aos segmentos relatados em discurso directo seguem-se outros que constituem sequências rápidas na *diegese* narrativa como podemos confirmar com o emprego do Pretérito Perfeito: “Marcámos um encontro, no Centro, começámos a conversar, começámos a trocar telefonemas, e tal, e acabámos por casar”.

3.2.1. A reprodução do diálogo com justaposição dos enunciados dos locutores e a escuta atenta do locutor de rádio (os comentários avaliativos)

O dispositivo de relatar factos com segmentos em discurso directo ocorre em relatos de discurso indirecto, isto é, “(...) o que se observa é a reprodução de um diálogo com simples justaposição dos enunciados de dois locutores” (Bacelar, 1987: 118).

Atentemos neste exemplo de reprodução do diálogo com justaposição dos enunciados dos locutores e com a manifestação verbal da escuta atenta do locutor de rádio:

Programa: BN

Data: 22/04/98

Tema: “Pequenos anúncios de jornal”

Ouvinte nº. 181, feminino

Ouvinte - Estava já divorciada há uns seis pra sete anos, trabalhava, diziam que qu’eu qu’era muito bonita, ainda hoje dizem, não sei...

→Locutora - Olhe que bom (risos).

Ouvinte - Hoje já estou com sessenta e três anos, mas dizem que eu tenho uma carinha muito engraçada.

→Locutora - Que bom pra si.

Ouvinte - **E as minhas colegas, na brincadeira, diziam-me por que é que tu e tal não arranjas tu tão jeitosa tão boa rapariga e tal, por que é que não arranjas!** Eh pá, eu tive uma... uma fraca experiência, uma má experiência, e um mau...

Locutora - Não se queria meter noutra pra já.

Ouvinte - Não me queria meter noutra. E uma vez, uma por brincadeira, aparece-me com um anúncio de jornal e diz-me: olha, por que é que tu não respondes? E a resposta era por meio de telefone, nem era por meio de, de, do próprio jornal...

Justine Coupland e Adam Jaworski (2003) referem que os participantes na interacção marcam o seu envolvimento através de estratégias que se reportam a uma “escuta activa” (*Idem*: 88).

No exemplo com a ouvinte número 181, verificamos a realização de enunciados que constituem comentários avaliativos (assinalados com uma seta) e a produção de asserções-resumo (“Não se queria meter noutra pra já”) que revelam a escuta atenta da locutora de rádio e o modo como colabora, cedendo a vez de elocução à ouvinte.

Segundo Jennifer Coates (2003), os comentários avaliativos ocorrem durante a escuta de uma história narrada por um dos interlocutores, constituindo “(...) contribuições para a história, em termos de asserções avaliativas” (*Idem*: 132), isto é, são segmentos reveladores da construção conjunta ou co-construção dos rumos discursivos que os participantes realizam e constituem estratégias interactivas que denotam o envolvimento conversacional dos participantes.

3.2.2. As digressões temáticas

Segundo Danielle André-Larochebouvry (1984), os participantes estabelecem um encontro comunicativo em torno de um tema central.

As trocas familiares são realizadas paulatinamente com desvios do tema não raro ratificados pelo alocutário, permitindo estabelecer uma categoria denominada como « (...) la conversation ‘à bâtons rompus’ » (*Idem* : 116). Neste tipo de conversações, a passagem de um tema para outro é regida por uma regra de continuidade que tem por base o princípio de cooperação (*Idem* : 116).

No contexto institucional de emissões de rádio nocturnas, constituídas por ouvintes que telefonam para a rádio, ocorrem digressões temáticas semelhantes às que ocorrem em contextos quotidianos familiares, embora, por força do carácter institucional destes programas, o *foco de atenção* seja mantido por mais tempo nestas emissões: o modo como os ouvintes procedem à produção de digressões temáticas e os locutores de rádio realizam a gestão destes “desvios” permite verificar que há um trabalho conjunto entre locutor e alocutário ou co-construção do sentido da interacção.

A análise da organização estrutural das interacções verbais permite delimitá-las em sequências principais constitutivas do *texto conversacional* (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 275), e mesmo quando as interacções revelam digressões temáticas (desvios), os participantes, através do seu saber partilhado e das imagens que constroem uns dos outros, reconstituem, reinterpretem-nas, reorientam o discurso com o objectivo de fazer a progressão temática.

Cabe ao analista reconstituir a estrutura e analisar enunciados que, do ponto de vista da organização estrutural, são fundamentalmente idênticos, mas são diferentes do ponto de vista da gestão das *posições discursivas* (Kerbrat-Orecchioni, 1987), ocupadas pelos participantes na interacção: estes últimos assumem papéis interaccionais (baseados no *script*, por exemplo, moderador, entrevistador) e papéis discursivos (baseados nas tarefas assumidas interaccionalmente) como, por exemplo, responder a perguntas, produzir asserções argumentativas (Kerbrat-Orecchioni, 2004: 16). Teremos de ter ainda em consideração as identidades discursivas, isto é, as que, na linha de Schegloff, são “relevantes para a acção conversacional” (Antaki & Widdicombe, 1998).

Atentemos nos seguintes exemplos:

Programa: BN

Data: Novembro de 1998

Tema: “Os piropos”

Ouvinte n.º. 468, masculino, Santo Tirso

Locutora - É português.

→Ouvinte - **Sou português (riso)**. É verdade. Por isso é qu’eu digo eu... eh pronto eu ouvi muitos muitos, eu gostava deles claro e... e muitos me levavam a pensar e eu próprio ria eh... até eu, que nunca fui assim muito de mandar piropos, mas eh não quer dizer que às vezes não me apetecesse, não é, mas não fui muito assim de mandar, pronto. Eu tenho um diploma, tá guardado, eh... tinha de tudo, tem assinaturas pr’áí dumas trinta mulheres, eh...

Programa: BN

Data: 5/5/98

Tema: “A disciplina nas escolas”

Ouvinte Masculino; 32 anos; n.º. 437

→Ouvinte - Evidentemente. Olhe minha senhora, **eu tenho eu tenho o segundo ano, portanto o segundo ano eh... do ciclo e... e eu tenho e sou um caso muito curioso**. Olhe eu tenho eu tenho livros em casa, enciclopédias qu’eu compro propositadamente pó meu filho, não quero que me falte nada em casa e enciclo geográficas, eu sei lá, eu tenho lá enciclopédias da língua portuguesa, tenho lá dicionários de inglês e francês, tudo aquilo qu’ele me pede eu eu compro-lhe, eh... que seja útil pá escola evidentemente e... eu tenho uma fi uma afilhada, uma sobrinha afilhada, que está no décimo primeiro ano, eu aqui há tempos pergun cá em minha casa perguntei-lhe: «olha lá ó C. onde é que tu ó portanto onde é que termina a Europa e começa a Ásia, portanto com’ é que se chamam os montes que dividem eh que dividem a Europa da Ásia?» E uma pessoa com o décimo primeiro ano não me soube responder. Entendo?

Nestes dois exemplos, ocorre o desvio do tema aberto com a realização de identidades discursivas (“sou português”, “tenho o segundo ano”) produzidas por dois ouvintes do sexo masculino que assinalam competências específicas relativas ao domínio da oralidade e ao grau de escolaridade: estas identidades, neste contexto de programas de rádio nocturnos subordinados a temas específicos da vida quotidiana, permitem contar outros eventos paralelos, contribuindo para as digressões temáticas ao mesmo tempo que funcionam como estratégias de credibilização do discurso, pois denotam que o discurso é vivido e testemunhal.

3.2.3. A construção de uma identidade discursiva e o dispositivo linguístico de criação de um discurso vivido, testemunhal

É próprio das “narrativas de experiência de vida” a realização de um discurso relatado com segmentos em discurso directo (DD), revelando um estilo interactivo oral. Há também a ocorrência de segmentos no Imperfeito, que se reportam à narração, e segmentos no presente da enunciação, que visam um efeito de “visualização” do narrado, isto é, “um efeito de presentificação” que permite criar o *envolvimento* entre os participantes (Duarte, 2003).

É esta heterogeneidade enunciativa que se reflecte no uso dos subsistemas temporais que M. Lacoste (1986) assinala como característica fundamental das narrativas orais de experiência vivida, exigindo uma análise local, no contexto das relações interactivas e interlocutivas particulares.

Esta autora refere como traços da narrativa os seguintes: 1) a acção é aí representada por uma breve ‘complicação’, sem traço de uma qualquer ‘resolução’; 2) o ‘comentário’ mistura-se estreitamente com a narrativa (*Idem* : 53).

Atentemos em alguns segmentos que remetem precisamente para a situação de enunciação:

Programa: BN;

Data: Novembro de 1998;

Tema: “O piropo”; Ouvinte nº. 460, feminino, vendedora

Eu vinha, prontos, eh sou casada há quinze anos e **há cerca duns dez vinha a sair** de um restaurante **aqui** da zona, muito famoso, um tal OM que é uma grande quinta onde há grandes festas aqui e houve, como sou técnica de vendas, vinha a sair por volta do meio-dia, e **hoje há** uns senhores tipo executivos, com as pastinhas, fatinho, gravata, pronto, com muita classe, a entrar pr’almoçar. Bem eu quando me apercebi que vinha de frente com eles vi que eles vinham a fazer qualquer qualquer comentário a meu respeito. **Senti-me** envergonhada, enfim cabisbaixa, e... pronto **não dei confiança**, mas no momento em que **eles se iam a cruzar** comigo **diz** um pra o

outro assim, com pronto uma frase muito com muita entoação: “e ainda dizem que as flores que não andam”. Pronto, realmente ia um pouquinho arranjada (riso)...

Locutora - Elegante, hã.

A ouvinte n.º 460 inicia a sequência narrativa através do recurso ao modo de enunciação que apresenta a co-ocorrência do Pretérito Imperfeito com o Pretérito Perfeito e que permite a transposição fictiva (Fonseca, F.I., 1992) para a memória dos factos narrados e/ou evocados.

Esta heterogeneidade enunciativa de, por um lado, se realizar o emprego do Pretérito Imperfeito que co-ocorre com o Pretérito Perfeito (tempos da ficção narrativa) e, por outro lado, a passagem destes tempos passados para um Presente do Indicativo é uma característica própria das narrativas orais produzidas em situação de interlocução.

Por outro lado, é também uma característica destas narrativas que ocorrem em programas de rádio a ocorrência de identidades situadas com valor testemunhal que, não raro, remetem para uma *doxa*, como podemos verificar nos exemplos a negrito:

Programa: BN;

Data: Novembro de 1998;

Tema: “O piropo”; Ouvinte n.º 460, feminino, vendedora

Ouvinte - Como está? Eu oiço muito o seu programa eh porque me deito sempre às três da manhã, aliás sou mais uma ouvinte assídua da Rádio Renascença desde as oito da manhã mais ou menos até me deitar. Eh então pronto achei imensa piada a este tema d’hoje, porque também **fui sempre uma pessoa, sou pequenina, sou baixinha, mas costuma-se dizer que... “sou pequenina mas tenho muita arrumação” (risos)**. Então eu sempre ouvi muitos piropos, mas há dois ou três que me marcaram, eh pronto, uns porque eram mais giros outros porque tinham muita imaginação, e o primeiro que vou contar acho que teve muita classe

Programa: BN;

Data: 22/04/98;

Tema: “Pequenos anúncios de jornal”; Ouvinte n.º 181, feminino

Locutora - Exacto.

Ouvinte - nem nada, era por meio do telefone. E eu por uma brincadeira, mais por uma brincadeira, porque eu... **era muito brincalhona, ainda hoje**, infelizmente perdi o meu marido vai fazer dois anos, e... **mas ainda hoje, pronto sou brincalhona, eu sou Gémeos, e portanto Gémeos têm o dom de ser brincalhões**, e é mais por uma brincadeira respondi ao anúncio.

Locutora - Portanto telefonou a um senhor que pôs um anúncio?

Ouvinte - Telefonei ao senhor que pôs o anúncio.

Autores vários que se inscrevem no modelo da Análise Conversacional, como Dennis Day (1998), a propósito deste modo de estabelecimento de uma “comunidade de pertença”, referem que um elemento central no estudo da construção de identidades no discurso é a análise do modo como os falantes realizam a “categorização” uns dos outros (Sacks, 1995).

Este modo de os ouvintes atribuírem uma identidade discursiva (cf. os segmentos destacados a negrito) constitui, pois, uma actividade com relevância para a representação da actividade do grupo e é uma forma de os participantes procederem ao desenvolvimento dos eixos argumentativos delineados no discurso, tendo simultaneamente um valor testemunhal. Sendo uma forma de legitimação das opiniões expressas, as identidades situadas funcionam como uma estratégia de credibilização do discurso.

4. Conclusão

Na análise das narrativas de experiência de vida em emissões de rádio, os participantes realizam espontaneamente identidades locais, relevantes para a construção de uma imagem de si próprios com um determinado estatuto: participantes ratificados ou como “experts”, identificados em função de parâmetros como o sexo, a profissão, a idade ou relativamente a uma história vivida, como testemunho de uma vivência que queiram ver partilhada.

O estudo da co-construção do sentido possibilita a análise do funcionamento enunciativo-pragmático das narrativas de experiência de vida, realçando os aspectos discursivos que ocorrem nestas narrativas orais de programas de rádio e que denotam o envolvimento conversacional dos participantes na interacção: as sobreposições da fala, as repetições, os sinais verbais de acordo e de cedência da vez de elocução, a construção de um discurso testemunhal de carácter confessional com a produção de identidades discursivas relevantes para a credibilização do discurso, bem como a ocorrência de fórmulas características do discurso oral interactivo com a justaposição de falas e a realização de segmentos em discurso directo que ocorrem em relatos de discurso indirecto são alguns aspectos que revelam a produção de um discurso oral emotivo.

O estudo semântico-enunciativo das narrativas de experiência de vida permitiu analisar os modos enunciativos de apresentar os eventos narrados. Com efeito, é através destas narrativas que os interlocutores constroem as identidades discursivas que os determinam como interlocutores ratificados, intervenientes do espaço interaccional e comunicativo dos programas de rádio.

A construção de um discurso emotivo com *lugares comuns* próprios do “small talk” e a produção de narrativas de experiência de vida e/ou narrativas interactivas permite a construção de identidades discursivas (Antaki & Widdicombe, 1998) características de uma “comunidade de práticas” (Eckert & McConnell-Ginet, 2002; cf.

também Gumperz, 1989) específica de ouvintes que, habitualmente, telefonam para programas de rádio nocturnos.

Em suma, a irrupção de narrativas de experiência de vida no discurso interactivo oral salienta que é através da comunicação que os falantes se inscrevem na práxis social, isto é, realça que é através dos discursos que se age e se estabelece uma comunidade de discurso: “Neles se concretizam ou objectivam diferentes experiências e vivências do real, neles se perscrutam e actualizam ou presentificam «mundos possíveis», neles se pressupõem tanto quanto se criam e se transformam relações intersubjectivas, neles se contém a representação e a activação da interacção social, neles se avalia, recria e perpetua a identidade da comunidade” (Fonseca, 1992: 236).

Referências

- Adam, Jean.-Michel (1985) Quels types de textes? In *Le Français dans le monde*.
- Almeida, Carla Aurélia de (1998) O acto ilocutório de oferta em português. In Fonseca, Joaquim (org.) *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português* Tomo III, Porto, Porto Editora, pp. 157-221.
- Almeida, Carla Aurélia de (2005) *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- Amossy, Ruth (org.) (1999) *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Paris : Delachaux et Niestlé.
- André-Larochebouvry, Danielle (1984) *La Conversation quotidienne*. Paris : Didier.
- Antaki, Charles & Widdicombe, Sue (eds.) (1998) *Identities in talk*. London: Sage.
- Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda *et al.*, (1987) *Português fundamental, métodos e documentos*, Tomo 1 - *inquérito de frequência*, Lisboa: INIC, CLUL.
- Coates, Jennifer (1996) *Women talk. Conversation between women friends*. Cornwall: Blackwell.
- Coates, Jennifer (2003) *Men talk*. Cornwall: Blackwell.
- Coupland, Justine & Jaworski, Adam (2003) Transgression and intimacy in recreational talk narratives. *Research on language and social interaction*, 36, 1, pp. 85-106.
- Day, Dennis (1998) Being ascribed, and resisting, membership of an ethnic group. In Antaki, Charles; Widdicombe, Sue, *Identities in talk*. London: Sage, pp. 151-170.
- Dispiaux, Gilbert (1984) *La logique et le quotidien. Une analyse dialogique des mécanismes d'argumentation*. Paris : Minuit.
- Duarte, Isabel Margarida (2003) O relato de discurso na Crónica de D. João I (I Parte) de Fernão Lopes. In Fonseca, F. I.; Brito, A. M.; Duarte, I. M.; Guimarães, J. (orgs.) *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes. Volume Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, pp. 185-198.
- Eckert, Penelope & McConnell-Ginet, Sally (2002) Communities of practice: where language, gender, and power all live. In Coates, Jennifer (ed.) *Language and gender: a reader*. Oxford: Blackwell, pp. 484-494.
- Fonseca, Joaquim (1992) *Linguística e texto / discurso - teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Fonseca, Fernanda Irene (1992) *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- Forgas, Joseph P. & Gibbs, Raymond W. (1985) Situational conventions and requests. In Forgas, Joseph P., *Language and social situations*. New York: Springer-Verlag, pp. 97-110.
- Goodwin, Charles (1981) *Conversational organization: interaction between speakers and hearers*. New York: Academic Press.
- Gumperz, John (1989) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. La Réunion : L'Harmattan.

- Heller, M. (2001) Discourse and interaction. In Schiffrin, D. *et al.* (eds.), *The handbook of discourse analysis*. Oxford/ Massachusetts: Blackwell., pp. 250-264.
- Heritage, John (1984) A change-of-state token and aspects of its sequential placement. In Atkinson, J.M.; Heritage, J.C. (eds.), *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 299-345.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1998) *Les interactions verbales*, I. Paris : Armand Colin, 3^{ème} édition.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1987) Reformulations et planification métadiscursives. In Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) *Décrire la conversation*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, pp. 167-198.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2004) Introducing polylogue. In *Journal of pragmatics*, vol. 36, 1, pp. 1-24.
- Lacoste, Michèle (1986) La narrativisation dans une situation d'interview. In *Études de Linguistique Appliquée*, 36, pp. 50-62.
- Morais, Armindo (2010) *Narrativas conversacionais. A introdução de enunciados narrativos em situação de interação oral*. Dissertação de Doutoramento em linguística, na especialidade de Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- Norrick, Neal R. (2010) *Conversational narrative. Storytelling in everyday talk*. Amsterdam/ Philadelphia : John Benjamins.
- Ochs, E. & Capps, L. (2001) *Living narrative. Creating lives in everyday storytelling*. Cambridge : Harvard University Press.
- Plantin, C. (org.) (1993) *Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés*. Paris : Éditions Kimé.
- Plantin, Christian; Doury, Marianne & Traverso, Véronique (orgs.) (2000) *Les émotions dans les interactions*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.
- Sacks, Harvey (1972) On the analyzability of stories by children. In Gumperz, John J.; Hymes, Dell (eds.) *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*. New York, Holt: Rinehart and Winston, pp. 325-345.
- Sacks, Harvey (1995) *Lectures on conversation*, vol. I, II, Oxford/ Cambridge: Blackwell.
- Tannen, Deborah (ed.) (1986) *Coherence in spoken and written discourse*. Norwood: Ablex.
- Tannen, D. (1989) *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tannen, D. (2001) The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance. In Wetherell, M. *et al.*, *Discourse theory and practice. A reader*. London: Sage, pp. 150-166.
- Thornborrow, Joanna (2001a) Questions, control and the organization of talk in calls to a radio phone-in. In *Discourse studies*, vol. 3, 1, pp. 119-143.
- Thornborrow, Joanna (2001b) Authenticating talk: building public identities in audience participation broadcasting. In *Discourse studies*, vol. 3, 4, pp. 459-479.
- Traverso, Véronique (1996) *La conversation familiale. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.
- Zimmerman, Don H. & Boden, Deidre (1993) Structure-in-action: an introduction. In Boden, D.; Zimmerman, D. (eds.) *Talk and social structure: studies in ethnomethodology and conversation analysis*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 3-21.